

Agora, é renovar a luta pelas diretas



Maurício Corrêa via em Tancredo Neves o caminho das mudanças

eventuais lacunas na administração federal e estabelecer limites para a incompetência alheia. É isso?

Corrêa — Certo. Você tem de entender que Tancredo foi obrigado a aceitar certas pessoas para certos cargos, mas a sua postura de estadista iria definir os limites de cada um. Creio que a

medida que o tempo passasse, ele fosse retirando certas pessoas, deslocando-as para outros setores mais apropriados. O mal de Tancredo é que ele sempre se sensibilizou muito com quem dele se aproximava, dizendo que queria trabalhar com ele, que ele era o melhor para o País, etc.

JBr — Pelo que o senhor coloca, pode-se pensar que, em certo aspecto, a ausência de Tancredo pode levar a uma maior pressão popular sobre o governo e, conseqüentemente, a conquistas mais efetivas.

Corrêa — Se a vontade popular for respeitada, é isso que vai acontecer, e inclusive no caso da Constituinte. Ao sentirem que o capital estrangeiro força a barra para que ela não emane da soberania do povo, a sociedade pode clamar e conseguir, tanto a Constituinte livre como as diretas, por exemplo. Ainda que a permanência de Sarney no cargo seja, sem dúvida, constitucional. E ainda que ele esteja se comportando com bastante sobriedade.

JBr — Que relações o senhor mantém com Tancredo Neves?

Corrêa — Não fui ligado intimamente a sua pessoa, mas sou também de Minas e acompanhei de perto sua carreira política, inclusive aquela sua disputa ao governo concorrendo com Magalhães Pinto, homem de estilo muito diferente e que saiu vencedor, na época. Mas em Brasília, eu fui bancário no estabelecimento de um primo de Tancredo — não sei se cometo uma inconfidência ao dizer isso — e sua conta estava sempre no vermelho. Invariavelmente.

JBr — Como o senhor explica essa comoção popular em torno de Tancredo?

Corrêa — Da seguinte maneira: a sociedade estava saturada social e economicamente, à espera de lideranças, até que chega um homem e fala a linguagem do povo e, de certa forma, a linguagem de todos nós num determinado momento. Então, nada mais natural do que ele ter ocupado o lugar da esperança, do sonho. Por isso é que digo que a indole liberal e democrática de Tancredo fará uma tremenda falta, pois ele prepararia o terreno para as mudanças, aceitaria as peças da engrenagem e contornaria as brigas e as disputas, que tendem a crescer — pois já há muita gente, dentro do próprio governo, cometendo deslizes administrativos e jurídicos por falta de ex-

periência e orientação; há muita gente se arvorando dono do pedaço e há muita besteira sendo dita, prova de que o mais sábio é aquele que cala.

JBr — O que seria preciso para a convocação das diretas, caso se chegasse ao entendimento de que este é o melhor caminho?

Corrêa — As diretas vão sair mais rápido do que se possa imaginar. Isto é infinitamente mais sensato do que a briga de grupos e uma possível intervenção militar para "acalmar os ânimos". Hoje, se as diretas saírem por via constitucional, não haverá ninguém nesse País capaz de impedi-las, penso eu, e então o caminho é alterar a Constituição de 67. Aliás, penso que Sarney daria uma grande lição se ele próprio propusesse isso. Ninguém precisa ficar à espera da Constituinte para se ter as diretas, mesmo porque, para a elaboração da Nova Carta Constitucional, é preciso uma série de reformas antes.

JBr — E como é que fica Brasília sem o nosso presidente?

Corrêa — A situação em Brasília está muito confusa. Sente-se um profundo vazio político, o que nos faz crer que tudo pode ser alterado de uma hora para outra, isto é, os nomes que aí estão não deverão ser definitivos. Há também o aspecto muito discutido da nomeação do ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, para o governo do DF. Ora, além dele ocupar uma das pastas mais atribuladas, é uma pessoa com pouca vivência da cidade — um estrangeiro, como chamam — e mesmo já anunciado estar ciente de sua interinidade.

JBr — O senhor entende que todo o escalão do GDF será alterado?

Corrêa — Há muitas questões a serem consideradas dentro desta matéria, como por exemplo: a nomeação de Costa Couto — em que pese seu esforço e honestidade — atropelou completamente a Constituição. Os pareceres emitidos pelos donos do poder, em favor da designação, tiveram como base a lei orgânica do Distrito Federal de 1960, mas essa lei entrou em vigor sob a égide da Constituição de 1946, sendo que em 1967 se votou uma nova Constituição, na qual o artigo 42 (mantido até hoje) diz que compete privativamente ao Senado a atribuição de aprovar o governador indicado pelo presidente.

JBr — Mesmo um governador em caráter interino?

Corrêa — Na verdade, o cargo de governador é sempre interino, na medida em que é uma autoridade demissível ad nutum pelo presidente da República; é um delegado do Poder Executivo. De modo que se o presidente Sarney resolver manter o nome de Costa Couto no GDF, acho que seria uma descortesia para com o Senado, que sequer teve a oportunidade de aprová-lo ou vetá-lo.

JBr — O senhor sabe que pessoa Tancredo gostaria de ver à frente de Brasília?

Corrêa — Esta questão é delicada, pois sabe-se que Tancredo, de um lado, sofreu pressões políticas contra um determinado nome; e, de outro, sofreu outra medida de restrições. Mas o que nos cabe assinalar é que Brasília está carente de uma administração mais sólida, mais coordenada, e não sou só eu que estou dizendo isso. Infelizmente, não temos aqui lideranças políticas mais efetivas que possam influir nesse processo e, assim, nos vemos alvo de disputas partidárias de fora para dentro, trazidas de outros Estados e com outros interesses.

JBr — O senhor pensa que os compromissos em relação a Brasília não estão sendo cumpridos? Ou é questão de paciência?

Corrêa — Até agora, não se atendeu a nenhum item assumido por Tancredo com os habitantes locais. Ele esteve na OAB/DF, garantiu que ia fazer um governador da cidade — já que ainda não podemos votar — e enfatizou que atenderia nossas principais necessidades. Mas está parecendo aquele quadro do Jô Soares: o poder é um antes, outro durante e mais outro depois.

JBr — A permanência de alguns secretários do GDF, em caráter definitivo, lhe preocupa?

Corrêa — Preocupa, sim, e isto porque os segmentos sociais não foram ouvidos, e muitas das nossas propostas iniciais, como a de colocar um jurista na Secretaria de Segurança, podem ir por água abaixo. Imagine isso: quem são os secretários até agora escolhidos? De onde vieram e de que influência desfrutam junto ao poder? Acho que é bom lembrar que até certo tempo atrás, a própria ministra Esther de Figueiredo Ferraz reclamava de ser cerceada, em suas atividades, pela Comunidade de Informações. Então, um desses elementos que tanto nos constrangeram, podem agora estar nos administrando sem a gente ter conhecimento.

Tancredo seria a ponte dos brasileiros para mudanças sociais mais efetivas, é o que pensa o presidente da OAB/DF, Maurício Corrêa, analisando a grande lacuna política trazida pela morte do ex-presidente. Em entrevista exclusiva ao Jornal de Brasília, Maurício Corrêa explica como vê a grande união nacional em torno do projeto do Governo de Tancredo Neves, fala das dificuldades que o presidente José Sarney terá pela frente ("em mandato amplamente respaldado pela Constituição") e ainda lança a seguinte afirmação: as diretas virão muito mais cedo do que se pensa. Se de um lado a falta de Tancredo Neves pode acirrar divergências no bojo do poder e dentro dos partidos, de outro, conforme frisa Maurício Corrêa, pode fazer com que os segmentos sociais tomem fôlego redobrado na luta pelas diretas e pela Constituinte livre e soberana, por exemplo. O que Maurício Corrêa descarta, de vez, é a hipótese de que o povo, passado o momento de choque, se acomode e dê a volta por cima, nos moldes do melhor jeitinho brasileiro. Ou do pior, quem sabe.

JBr — Como pessoa que participa ativamente da vida do País, de Brasília, e como advogado, responda: o que será da Nova República sem Tancredo?

Corrêa — Durante todo esse período, quase 21 anos, a sociedade lutou pela volta do poder civil. E quando se desenhava no horizonte essa perspectiva, aparece um líder civil, da envergadura de Tancredo, para concentrar toda a ansiedade do povo brasileiro. Em face disso, houve um consenso nacional em torno de seu nome, de tal modo que mesmo candidato por via indireta, ele foi absorvido pela sociedade. Agora, eu vejo com muita preocupação a situação institucional do Brasil, e por alguns motivos. Em primeiro lugar, porque sempre fomos tutelados pelo poder militar, como magnificamente assinala o escritor Hélio Silva, e depois, a própria comunidade política vai se digladiar entre as facções que apoiaram Tancredo (sobretudo a área ligada ao PMDB) e os políticos oriundos do PDS e outras correntes, formando o Partido da Frente Liberal.

JBr — O sr. acha que as esquerdas vão querer a sua parte?

Corrêa — Acho. A tudo que falei acrescente-se o papel das esquerdas autênticas, dos partidos clandestinos em busca de legalização e também a participação de um homem que vai ocupar, no meu juízo, um grande espaço político, que é o governador Leonel Brizola. Sem falar numa possível futura coligação dele com Lula.

JBr — O sr. enxerga uma difícil convivência institucional para os brasileiros a partir de agora?

Corrêa — Nos primeiros tempos, essa convivência será tranquila. Mas só até a definição desse quadro político a que me referi, quando o povo começar a sentir a distância entre as promessas feitas em praça pública e as respostas concretas; quando Tancredo não estará mais aqui para cobrir eventuais limitações de seu ministério que, como ele próprio dizia, não era o ministério ideal, mas o possível para o momento.

JBr — Que setores, em sua opinião, vão se ressentir mais com a ausência de Tancredo?

Corrêa — Você sabe que Tancredo Neves nunca faria o jogo das esquerdas. A sua experiência e habilidade é que permitiram a existência desse mapa sobre o qual firmou sua candidatura. E fatalmente, mesmo com ele, surgiria o entrechoque entre as aspirações das classes mais sofridas, os operários, com a burguesia. Sem ele, contudo, o peso sobre o povo pode ser ainda maior. A classe média e o pobre vão pagar o pior preço.

JBr — Que saídas o senhor apontaria para uma tal situação?

Corrêa — A Constituinte não é uma panacéia, mas atribuo a ela a capacidade de dar respostas aos grandes temas da sociedade brasileira, como a questão agrária, a do capital estrangeiro e outros. Mas essa Constituinte precisa ser legítima e não pode tardar. Contudo, o que vejo é que a ausência de Tancredo, neste momento, é sofrida na pela de todos nós. A um mês do governo empossado, nada foi feito de concreto, quer seja pela vinculação de Sarney aos compromissos assumidos por Tancredo, quer porque falta no comando do País uma liderança capaz de atenuar divergências que se encontram no bojo do próprio poder. Até na questão da Constituinte, creio que teremos demoras e surpresas. Já se fala em comissão fazendo um esboço da futura Constituição; em poderes constituintes para o Congresso e no jurista Afonso Arinos para coordenar tudo isso. Então, é muito diferente do que nós estávamos esperando.

JBr — Pelo que o senhor fala, Tancredo teria a capacidade de preencher